

ANA MARIA MALIK



Ana Maria Malik é médica formada pela Universidade de São Paulo, mestre em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e doutora em Medicina Preventiva pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora Titular da EAESP-FGV, Professora Convidada de outras duas faculdades, diretora adjunta do PROAHS da FGV e coordenadora do GVSaude da FGV. Atuou como diretora de hospitais públicos e privados, bem como gestora pública ligada às secretarias Estadual e Municipal de Saúde de São Paulo.

# O CAMINHO DA ACREDITAÇÃO NO PAÍS

Por que até 2014 gestores hospitalares relutam em adotar a metodologia de avaliação externa?

**A**creditação é uma metodologia de avaliação externa, usada internacionalmente voltada às áreas de saúde e educação. Desde 1995, o Ministério da Saúde se preocupa com a instituição da acreditação no Brasil, mas o início formal do processo no país ocorreu em 1999, com a ONA (Organização Nacional de Acreditação), embora desde 1998 já existisse o Consórcio Brasileiro de Acreditação de Sistemas e Serviços de Saúde (CBA).

No século XXI entrou no mercado brasileiro uma série de modelos internacionais. Em primeiro lugar, veio o americano (inicialmente por meio da Joint Commission for Accreditation for Health Care Organizations (JCAHO), que atuava nos EUA). Durante sua atuação inicial no Brasil, quando ainda não tinha representantes e fazia sua avaliação no Hospital Albert Einstein diretamente, ela constituiu, internacionalmente, a Joint Commission International (JCI), que passou a ser representada por uma organização nacional, o CBA - Consórcio Brasileiro de Acreditação. Ainda entrou no mercado o modelo canadense, da Accreditation Canada (ou

Agrément Canada) - ACI, que também tem sua representação no país junto ao IQG (Health Services Accreditation) desde 2006. Finalmente, chegou ao Brasil um modelo que, nos Estados Unidos, adicionou-se à quase única JCAHO, o NIAHO (National Integrated Accreditation for Healthcare Organizations), cuja sede no Brasil é Belo Horizonte.

A evolução da acreditação no Brasil no decorrer dos anos, considerando todas as acreditadoras, está no gráfico 1. Verifica-se que nos primeiros anos apenas a metodologia ONA (por suas diversas acreditadoras) tinha organizações acreditadas, sendo seguida, conforme a cronologia apresentada, pelas demais metodologias. A última a entrar no mercado foi a metodologia NIAHO, aplicada pela DNV, que conta com 5 hospitais acreditados, todos em Minas Gerais. Atualmente ela é parceira da ONA, no sentido de só avaliar as organizações já consideradas “de excelência” por esta avaliadora. A JCI/CBA é a segunda em volume, seguida pela AC/IQG.

Pode-se dizer que a acreditação hospitalar ainda não “pegou” no Brasil: em 15 anos de história, até setembro de 2014,

pouco mais de 4% dos hospitais do país estão acreditados. Na realidade, essa porcentagem é ainda menor, pois há hospitais que ostentam mais de uma acreditação simultaneamente. Observa-se grande concentração nos estados do Sudeste (70% dos hospitais acreditados, enquanto na região Norte apenas 3% dos hospitais eram acreditados). Considerando estados isoladamente, São Paulo concentra 40% dos hospitais acreditados. Até 30/09/2014, não havia hospitais acreditados no Acre, no Mato Grosso do Sul, no Rio Grande do Norte, em Rondônia, em Roraima e no Tocantins. Dos 267 hospitais acreditados, 210 o foram pela ONA.

Por outro lado, verifica-se um padrão entre os acreditados: muitos deles pertencem a redes ou a organizações identificadas com este modelo. Assim, mais de 15% dos hospitais acreditados no país são públicos (embora nenhum gerenciado em regime de administração direta); quase 10% dos acreditados nacionalmente são de UNIMEDs, 7% são da Rede D'Or e 3% da AMIL, chegando a 35%.

Em entrevistas estruturadas realizadas junto a gestores de hospitais acreditados no primeiro semestre de 2014, constatou-se que eles não reconhecem incentivos (nem financeiros nem de outra ordem) para obterem o certificado. Da mesma forma, eles não percebem qualquer sanção por não o fazerem. Estímulo concreto para a acreditação ou outro tipo de avaliação externa existe por parte da Anahp (Associação Nacional de Hospitais Privados), que só recebe entre seus sócios hospitais que tenham ou estejam a caminho de se submeter a algum processo desse tipo.

Por outro lado, em discussão aberta com gestores de hospitais acreditados e não, representantes de organizações acreditadoras e estudiosos do setor, obteve-se como um achado que, para sentir necessidade de buscar algum tipo de acreditação,

seria necessário haver gestão profissional nos serviços ou incentivos no âmbito do financiamento setorial. O custo dos processos propriamente ditos ou das modificações a serem realizadas são fatores secundários.

Em termos nacionais, verifica-se que tanto o Ministério da Saúde como suas agências (ANVISA e ANS) estão se preocupando formalmente desde 2013 em aumentar a qualidade e a segurança dos serviços de saúde prestados aos brasileiros, sejam eles financiados diretamente pelo SUS sejam pelos indivíduos e/ou empregadores. Assim, mesmo que as acreditações não sejam o único mecanismo pensado em termos de aprimorar os serviços, faz-se necessário melhorar o que é feito. É importante aumentar o acesso aos serviços de saúde, mas não é possível fazer esse movimento sem universalizar também a qualidade da assistência ☺

“ Para sentirem necessidade de buscar algum tipo de acreditação, seria necessário haver gestão profissional nos serviços ou incentivos no âmbito do financiamento setorial ”

### NÚMERO CUMULATIVO DE HOSPITAIS ACREDITADOS, POR ANO, POR ACREDITADORA - DE 2000 A FEVEREIRO DE 2014

